

A semiótica e a construção da identidade de Alice no País das Maravilhas¹

Jéssica Lange de DEUS²
Níncia Cecília Ribas Borges TEIXEIRA³
Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, PR

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo geral verificar como agem os elementos do signo: ícone, índice e símbolo, no filme *Alice no País das Maravilhas* (2010), enfocando a personagem protagonista. Para isso, será utilizada a teoria semiótica de Lucia Santaella baseada em Charles Sanders Peirce. Além disso, serão analisados os aspectos da construção de identidade feminina de Alice, assim como as características da representação feminina no cinema. A personagem vive em busca da sua verdadeira identidade, a trama relata a passagem de adolescente para adulta. Porém, para encontrar respostas aos seus questionamentos e firmar sua identidade ela precisa matar o Jaguadarte e, dessa forma, tornar-se a dona do seu próprio sonho.

Palavras-chave: Alice; filme; semiótica; fantasia; identidade.

Introdução

A comunicação humana é uma questão de necessidade, ela permeia a nossa vida, dando-se por meio de imagens, sons, palavras e gestos, quase que imperceptivelmente. Somos incentivados diariamente a ler, pensar, ver, interpretar e atribuir sentido a tudo que está ao nosso redor.

Esse apanhado de objetos aos quais atribuímos significados são denominados, por Peirce *apud* Santaella (2008), como signos. A semiótica é a ciência que visa estudar como agem os signos, classificando-os em ícone, índice e símbolo. Pela comunicação somos bombardeados de signos vindos da televisão, da internet, dos filmes etc.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – X Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 4º ano do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), email: jessica_lgdd@hotmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do mestrado em Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), email: ninciaborgesteixeira@yahoo.com.br.

Os filmes, de um modo geral, podem ser vistos como produtos da cultura de um determinado país ou lugar, pois, retratam atitudes, crenças, hábitos e até mesmo tendências de uma sociedade. Desta forma, servem para refletir e questionar padrões de comportamento, dentre eles a representação da mulher.

As produções cinematográficas englobam diversos elementos como cenografia, figurino, luzes, cenário, sons e objetos. Tudo isso, combinado ao mesmo tempo, faz com que as cenas sejam formadas e possamos assim, criar significações e estimular o imaginário de forma atrativa, divertida e que fica impregnada na mente. É preciso investir, conhecer os diferentes gostos, inovar e ainda buscar a espaço no mercado.

Ao traçar esses elementos em uma composição, o filme adquire uma forma. Esta nada mais é que a harmonização da sintaxe das partes que estão contidas na ação/drama transferindo-as para os enquadramentos, criando imagens em movimento e conferindo-lhes uma narrativa que, através da montagem, a constitui como discurso ou argumento (SANTOS, 2011, p.1).

Essa montagem de planos faz com que um signo adquira caráter simbólico. A escolha das cores, dos discursos, do que vai antes de uma cena e do que vai depois, são amplamente ancorados na semiótica. As cores por si só, não dizem nada. É seu caráter de símbolo que faz com que elas adquiram representações. Por exemplo, a cor rosa está ligada com a feminilidade. Como afirma Santos (2011, p. 3) “[...] ao traçar essas inter-relações entre os signos/planos em uma ordem visando a um sentido ou resultado, a montagem gera e cria interpretantes capazes de iniciar e/ou possibilitar os processos de mediação e comunicação”.

Assim sendo, é cada vez mais comum que o cinema se aproprie de clássicos literários para compor seus enredos. Com o filme *Alice no País das Maravilhas*, não foi diferente. A obra original, escrita em 1865, pelo matemático inglês Charles Lutwidge Dogson, sob pseudônimo de Lewis Carrol, tornou-se um dos grandes clássicos da literatura inglesa e posteriormente ganhou vida, através do filme dirigido por Tim Burton em 2010.

Segundo Pina (2013, p. 3), “[...] o cinema é um veículo de comunicação e cultura de grande impacto, por isso funciona como um elemento de produção simbólica ao fazer parte do cotidiano dos indivíduos”. Ele desempenha uma importante função social ao representar a sociedade e seus mais distintos grupos, seja em sua modalidade ficcional ou documental. A chamada sétima arte é capaz de “[...] apresentar uma existência historicamente reconstituída de forma generalizada em um regime de funcionamento psíquico socialmente

regulado” (LIMA, MENDONÇA, 2006, online).

No filme, em meio a um sonho, a jovem Alice, que se encontra em uma fase de transição da vida infantil para adulta, cai em um buraco e viaja por um mundo desconhecido e curioso. Um coelho preocupado com as horas, um chapeleiro maluco e uma rainha de copas excêntrica, fazem parte do imaginário. A história brinca com um universo totalmente fantasioso e carregado de elementos e signos, onde a lógica não prevalece. Segundo Freitas (2010, online) “Por meio dos animais falantes e dos personagens “malucos” existentes no conto, a personagem Alice vive os medos, as inseguranças e os questionamentos presentes no seu desenvolvimento pessoal”.

Os filmes são importantes na concretização de modelos de comportamento na sociedade. Sendo assim, os personagens que fazem parte do enredo tem a função de representar modelos sociais, fazendo com que as pessoas se reconheçam e se identifiquem com aquela realidade ali apresentada.

Em *Alice no País das Maravilhas* podemos notar a construção de gênero da personagem Alice como uma menina inocente, porém, curiosa e destemida. Entre idas e vindas ela tem sua identidade questionada pelos personagens malucos: ‘será ela a verdadeira Alice?’. Segundo Fortuna e Gomes (2013, p. 2):

Alice tem a possibilidade de escolha entre o comportamento tradicional de uma jovem de 20 anos no início da Era Vitoriana – que era o de consolidar a identidade através do casamento com um nobre – e a atitude que estaria mais de acordo com as mudanças culturais que estavam em efervescência na época – a proposta de consolidar a identidade através do trabalho e do poder de consumo.

A construção da personagem é marcada pela determinação e pela autoafirmação de identidade, a ponto de sair no meio do seu pedido de casamento para correr atrás de um coelho, o qual ela jurava já ter visto antes. Esse é um dos diferenciais do filme, o País das Maravilhas retratado é o mesmo com o qual Alice acredita ter sonhado quando tinha apenas sete anos de idade. É como se fosse uma viagem no tempo, na memória da própria personagem.

Materiais e métodos

A metodologia baseou-se em pesquisa bibliográfica para obtenção de subsídios teóricos sobre semiótica e identidade, partindo de referenciais ligados à representação de gênero na personagem Alice.

Foi usado como base, o método semiótico de Lucia Santaella (2008), fundamentada nos conceitos de Charles Sanders Peirce. A semiótica é uma ciência não muito antiga e que possui um vasto potencial de aplicação nos estudos comunicacionais. Ela permite que penetremos internamente na mensagem, para captar seu referencial em um contexto amplo. Isso nos faz buscar uma maneira para analisar as mensagens transmitidas como, por exemplo, fazer uma análise semiótica das propagandas, do quanto elas são importantes para a comunicação, será preciso entender o que é semiótica e como ela é interpretada, usada.

Segundo Santaella (2008), tudo que se encontra a nossa volta são signos. Os signos nada mais são do que pensamentos com corpos, e estes são os objetos de estudos da semiótica. Ela funciona como um mapa que traça as linhas dos mais diversos aspectos através dos quais uma análise deve ser conduzida. Foi desse emaranhado de análises que Peirce descobriu que os signos possuem três tipos de propriedades, sendo classificados em: símbolos, ícones ou índices.

Na definição de Peirce *apud* Santaella (2008), um símbolo é um signo que se refere ao objeto que denota, em virtude de uma lei, normalmente uma associação de ideias gerais. Alguns exemplos de símbolos são: uma senha, um ingresso etc. Os símbolos sozinhos não identificam coisa alguma, ele sempre está se referindo a algo.

O ícone de acordo com Santaella (2008) tem caráter de representação, ou seja, representa algo existente. Em todos os lugares, somos rodeados por ícones. Placas são bons exemplos de signos icônicos. Quando observamos uma placa com o desenho de uma pessoa com cadeira de rodas, logo sabemos que naquele local, circulam pessoas com deficiência.

Já o índice é o responsável por indicar algo concreto. Por exemplo: uma fotografia de uma casa. A fotografia não é a casa, mas sim, indica que naquele local existe uma casa. Santaella (2008) afirma que o índice indica através de uma conexão de fato, existencial. Nos filmes o índice pode ser encontrado na trilha sonora, que, por exemplo: está seguindo uma linearidade de sons e em um determinado momento, muda de tons, e faz com que fiquemos apreensivos para saber o que vai acontecer e qual será o desfecho.

O símbolo está presente em todo o enredo e ligado às palavras e às ideias, pois sozinho ele não identifica nada. Um exemplo de símbolo são as cores, utilizadas como forma de seduzir o telespectador e até mesmo, despertar sensações.

A representação da mulher no cinema

Os homens, na maioria das vezes, são representados no cinema como os mantenedores da família, os super-heróis, os trabalhadores, os vilões, os valentões e assim por diante. Frequentemente ocupam o papel principal no enredo, sendo os responsáveis pelo desfecho da trama, um bom exemplo, é quando o homem precisa lutar com outros homens para conquistar a mulher que ama, e assim, tê-la no final para o tão esperado ‘felizes para sempre’. Desta forma, o discurso é construído para enfatizar certos pontos da masculinidade, como a coragem, a força, a virilidade.

Já o modo como as mulheres são representadas no cinema, na maioria das vezes, reproduz a maneira como são vistas e percebidas pelo consumidor/telespectador regular desse tipo de produção. São as donas de casa, as mães, as sedutoras, as indefesas, as independentes etc. Pina (2013) ressalta que:

[...] qualquer mudança na representação da mulher na sociedade, ou seja, na forma como se deve ver e pensar sobre o lugar a ser ocupado por ela certamente só será apresentada nos filmes quando ela se inserir na sociedade o bastante para disputar posição com os pressupostos já socialmente legitimados (PINA, 2013, p. 2).

Em grande maioria, os filmes que assistimos em casa, são produções americanas. Gubernikoff (2009) afirma que o esse tipo de cinema hollywoodiano convencionou uma série de códigos de linguagem, que são resumidos em um manual do discurso narrativo, amplamente aceito pelo público.

A partir da segunda onda do movimento feminista, ocorrida na década de 70, a teoria feminista do cinema demonstrou que a posição das mulheres nos enredos dos filmes hollywoodianos sempre foi a do outro, nunca a de sujeito da narrativa, e que sempre foram tratadas como objetos do voyeurismo masculino (GUBERNIKOFF, 2009, p. 2).

A mulher, dessa forma, exerceria unicamente o papel de matriarca, ou seja, cuidar da família e da casa, sendo a progenitora. No caso do filme *Alice no País das Maravilhas* isso é rompido, pois Alice não quer se casar, muito menos se tornar mãe de família. Assim sendo, Pina (2013) comenta que os personagens que compõem a história de um filme são representações sociais que se materializam e a experiência de assistir a essa produção oportuniza ao indivíduo reconhecer aquela realidade ali representada. Ou seja, Alice é representada socialmente como a menina/mulher que precisa ter um ‘bom’ casamento, pois ela pertence á uma cultura que determina esse tipo de atitude, sempre atrelando a felicidade feminina a um homem.

Pina (2013) ressalta que mulher é retratada como amiúde, como menos competente e ineficaz, e em todos os espaços do universo doméstico, a ideia repassada de mulher ideal é alguém jovem, esbelta, bonita, feminina, subordinada e meiga, sendo condenada à condição de objeto sexual, de esposa dedicada e de mãe generosa. Dessa forma, “Sempre carente de um homem que a resguarde das ameaças do mundo; sendo assim, vive em função da procura do grande e categórico amor de sua vida” (PINA, 2013, p.8).

O homem seria o complemento imprescindível para sua existência plena e feliz. “O que se retrata, na maior parte das linguagens audiovisuais, é o clichê ‘Cinderela’, no qual o casamento e filhos são importantíssimos. Temas conflitantes são evitados” (PINA, 2013, p.8). Ou seja, a felicidade da mulher está diretamente ligada ao cumprimento da estrutura social, se esta não o faz, será condenada a infelicidade.

Durante o filme, pode-se notar que há toda uma tradição, um simbolismo sobre o casamento, o papel da mulher, em que Alice precisa fazer parte dessa cultura, negando a si mesma suas vontades, seus desejos. Como afirma Mulvey *apud* Gubernikoff (2009, p. 3):

A mulher, dessa forma, existe na cultura patriarcal como o significante do outro masculino, presa por uma ordem simbólica na qual o homem pode exprimir suas fantasias e obsessões através do comando linguístico, impondo-as sobre a imagem silenciosa da mulher, ainda presa a seu lugar como portadora de significado e não produtora de significado.

Notamos que durante muito tempo, a mulher era tida com um ser inferior perante o homem, tanto que muitas eram proibidas de estudar ou trabalhar fora. Defendia-se esse baixo nível de estudos para firmar e até mesmo reprimir, o que era imposto pela própria família. Isso se refletiu nas representações cinematográficas, que por décadas impuseram, quase que goela a baixo, que as mulheres se aceitassem e vivessem da forma que os homens as representavam. Gubernikoff (2009, p. 4) conclui que:

Foram os homens os produtores das representações femininas existentes até hoje, e essas estão diretamente associadas às formas de a atual mulher ser, agir e se comportar. O que se discute é o fato de a mulher contemporânea buscar se enquadrar em uma imagem projetada de mulher que, na verdade, é aquela que eles gostariam que ela fosse, a partir de representações femininas cunhadas pelos meios de comunicação e, principalmente, pelo cinema.

Sendo assim, a mulher que rompesse essas representações, neste caso no filme, deveria voltar para o seu lugar de representação ou seria castigada pela transgressão. Alice, em sua passagem de jovem para mulher, realiza essa ruptura. No filme, ela decide não se casar com o lorde, pois não era esse o seu desejo. Por mais que todas as pessoas ao seu

redor a incentivem a casar com ele, dizendo que não encontrará um homem melhor, ela se recusa. Até mesmo utilizam comparativos, como a tia Imógenes, que mesmo depois de velha e de não ter casado, ainda espera o seu príncipe encantado. Também questionam Alice, dando-lhe duas opções: ou se casa ou ficará igual a tia Imógenes.

Já a feminilidade, no cinema, atrela-se a sedução, como ressalta Gubernikoff (2009, p. 9) “Ao produzir imagens, o cinema produz imaginação, criando afetividade, significação e posicionando o espectador em relação ao desejo”. Desta forma a feminilidade se torna nada mais do que sinônimo de atração.

[...] a mulher interiorizou os conceitos divulgados pelo cinema clássico como se fossem a sua própria identidade. Nesse processo, foi objetivada como consumidora. De um lado, de uma ideologia – a capitalista, e, de outro, de um produto – sua própria feminilidade. Enfim, ela só é mais um dos elementos na estrutura da sedução. (GUBERNIKOFF, 2009, p. 9)

Alice no decorrer do filme tem suas características femininas preservadas, porém, se mostra tão forte e decidida quanto um homem, principalmente no momento em que precisa vencer o Jaguadarte. Até mesmo sua representação como inocente acaba sendo um fator de sedução.

A construção da identidade feminina

Para Pina (2013,) desde o final do século XIX as mulheres vêm lutando para ter visibilidade e mudar sua posição de subordinação e inferioridade na sociedade. Exemplo disso foi à luta pelo direito de voto, fato posteriormente considerado como a ‘primeira onda’ do movimento feminista. Porém, somente na década de 60 o movimento feminista adquiriu um viés mais teórico, não se limitando aos aspectos políticos e sociais. Como resultado dessa inflexão, houve uma tentativa de desvincular as questões relativas à posição de subalternidade da mulher na sociedade da ideia de sexo.

Comumente as diferenças entre homens e mulheres eram vistas unicamente pelo viés do sexo. Segundo Pina (2013), esta concepção acabava por definir uma inclinação natural da mulher à realização de determinadas atividades “[...] tais como o cuidado da casa, a criação dos filhos, o cuidado com a família e o cultivo de uma maior sensibilidade do que o homem” (PINA, 2013, p.6). Na totalidade, essas funções atribuídas determinavam a posição de inferioridade da mulher no meio social.

Scott (1995, p. 72) aponta que os termos sexo e diferença sexual assumiam uma função ideológica, uma vez que limitavam as relações entre os gêneros ao plano biológico. Assim, ao se analisar a construção social e, conseqüentemente, como isso se manifesta através da linguagem, pode-se perceber que, durante muito tempo, as relações entre homens e mulheres dependeram da criação de um conceito que explicitasse essa mesma construção social daquilo, ou seja, de como homens e mulheres eram vistos e entendidos socialmente. Joan Scott (1995) por sua vez, estabelece que o gênero:

[...] exige a análise não só da relação entre experiências masculinas e femininas no passado, mas, também, a ligação entre a história do passado e as práticas históricas atuais. Como é que o gênero funciona nas relações sociais humanas? Como é que o gênero dá um sentido à organização e à percepção do conhecimento histórico? As respostas dependem do gênero como categoria de análise (SCOTT, 1995, p. 73).

Porém, quanto ao reconhecimento do gênero e afirmação da identidade feminina, mesmo levando em consideração as inúmeras lutas, ainda existem muitos obstáculos a serem ultrapassados. Muitas ainda são representadas pelas mídias como subalternas, insignificantes, incapazes que vão criando um estereótipo, até mesmo para as próprias mulheres, de que esse comportamento inferior e de submissão é o correto.

Resultados e Discussão

No filme, podemos identificar por meio da semiótica, a presença do ícone na personagem Alice, pois a mesma representa uma menina existente no mundo real, fisicamente. É um ícone, também, por representar medos e questionamentos comuns em adolescentes. Já o símbolo é notado em sua construção do personagem, pois ela simboliza uma menina meiga, porém destemida, que abandona tudo para seguir o coelho. Assim, o coelho representa a fuga da personagem para dentro do seu próprio imaginário. Alice também é um símbolo de feminilidade.

A roupa de Alice, na cor azul, contribui para esse entendimento simbólico. As cores tem a função de transmitir ideias e ao mesmo tempo possibilitar sensações, e em um filme elas tornam-se essenciais para a compreensão da trama. Para Heller *apud* Meneghel, Silva e Ayer (2009) não poderia haver melhor cor, por ser o azul a cor de maior preferência entre as pessoas, a cor que nos remete a simpatia, a fantasia, a harmonia, ao infinito. Uma cor feminina, perfeita para uma heroína.

Heller *apud* Meneghel, Silva e Ayer (2010) também afirmam que o azul e o vermelho são cores psicologicamente contrárias, o azul associa-se ao lado espiritual, enquanto o vermelho liga-se a paixão. Da mesma forma, pode-se relacionar com os opostos, por exemplo, o masculino e feminino. Assim, a cor do figurino de Alice – azul, se opõe ao da Rainha de Copas – vermelhas, podendo até se considerar como uma pessoa e outra má.

Já a trilha sonora é um índice, pois tem a função de indicar que algo vai acontecer. Sabemos que se a trilha é tranquila, seu desfecho poderá também ser tranquilo, mas se ela sofre alguma alteração no tom, se tornando mais forte ou fraca, podemos imaginar que algo diferente vai acontecer. No caso do filme *Alice no País das Maravilhas*, o diretor Tim Burton escolheu composições instrumentais e algumas músicas com vozes formando um coral sombrio, quase que como vozes vindas das profundezas da terra. Isso nos evoca sensações que vão desde a aventura, agitação, apreensão até a inquietação.

Ainda sobre as cores, um tanto quanto caóticas, Meneghel, Silva e Ayer (2010) afirmam que isso determinou o ambiente como um lugar deprimido e com uma gama de cores, por vezes desbotadas.

No entanto, pode-se observar a mudança das nuances de cores na presença de Alice em seus diversos momentos: quando se mostra decidida, segura de seus atos, as cores de seu entorno, das roupas e até mesmo das personagens tornam-se mais intensas; quando Alice está em conflito, amedrontada ou insegura as cores tornam-se pálidas (MENEGHEL, SILVA e AYER, 2010, p.8).

Na construção de sua identidade, notamos que Alice se sente despreparada para a vida adulta, isso pode ser percebido na cena em que sua mãe tenta obrigá-la a utilizar espartilho. Freitas (2010) afirma que diante dessa situação, Alice reclama a falta do pai, comentando que ele a compreenderia. Parece, também, estar mostrando sua vontade de ficar como *outsider* daquele mundo adulto. É em frente ao altar, em um local com muitas pessoas, no momento do pedido de casamento, que Alice deixa seu lado imaturo aflorar. Nessa parte devemos levar em consideração a cultura da época, onde a mulher deveria casar-se e ter filhos, quase como uma obrigação.



Figura 1: frame retirado do filme Alice no País das Maravilhas (2010)

Ela observa a atitude do lorde, mas seu pensamento está no coelho. No momento em que vê o animal correndo entre as folhagens, Alice abandona a cerimônia e diz que precisa ir atrás dele. É como se ela vivesse um momento de grandes escolhas: ou casava-se ou fugia em busca das suas ideias, das suas realizações. Ela decide largar tudo. Apressada, Alice corre pela floresta, encontra o animal que se esconde em uma toca na raiz de uma árvore. Movida pela curiosidade, ela se abaixa no buraco e acaba caindo. É aí que o sonho e a busca pela verdadeira identidade começam. Alice vai parar em um mundo parecido com o que ela acredita ser o ideal, onde a lógica não prevalece.



Figura 2 e 3: frames retirados do filme Alice no País das Maravilhas (2010)

Nessa queda Alice vê livros, objetos de decoração e até mesmo um piano vindo ao seu encontro. Nesse universo cheio de significações podemos notar que isso está relacionado com os questionamentos de sua mente perturbada no sonho. Algo até mesmo confuso, fantasioso e bizarro. Para Meneghel, Silva e Ayer (2010, p.7):

A queda na toca do coelho é uma alegoria muito comum às tormentas de alguém que busca por algo que nem mesmo sabe o que é, repleto de angústias e questionamentos, segue confrontando-se com tudo o que encontra em seu caminho, sem saber ao certo onde vai chegar. Quem sabe como será o “fundo do poço”?

Movida pela curiosidade, a personagem parece estar em busca de respostas para os seus questionamentos, principalmente quando chega ao País das Maravilhas. É como se fosse uma viagem para dentro de si, um devaneio. As bizarrices como comer bolos e cogumelos para crescer ou encolher, conversar com pássaros e com a lagarta azul Absolem, que além de dar conselhos fuma constantemente um narguilé⁴, fazem com que o mundo de Alice seja interpretado unicamente por ela.

⁴ Narguilé: é um instrumento de origem oriental utilizado para fumar essências ou tabacos.

Porém, esse mundo dos sonhos de Alice é um universo povoado por criaturas estranhas que, como afirma Meneghel, Silva e Ayer (2010, p.6) “vivem aprisionados em paradoxos lógicos e argumentos circulares”. Nesse País das Maravilhas, criado pela mente de Alice, os animais podem falar, utilizar roupas de humanos e até mesmo ter atitudes, como tomar um chá da tarde. Notamos que isso faz parte da construção da identidade dela, pois atribuir sentimentos e atitudes humanas em animais é algo comum entre as crianças. Ela vive essa fase de transição entre o ser criança e viver em mundo imaginário onde você escolhe como as coisas são ou se tornar adulta e encarar a vida ‘real’.

Além disso, um gato se forma com fumaça no ar, conversa com Alice, lhe dá conselhos e, mesmo após desaparecer, seu sorriso fica pairando no ar. Todas essas experimentações vividas pela personagem tem um objetivo: encontrar o caminho certo para voltar pra casa e vencer seus medos na floresta. É ali que seus confrontos pessoais aparecem. De acordo com Freitas (2010, online) Alice se depara com dois reinos: o branco simbolizando o amor e o vermelho, a agressividade. Ela seria a rainha branca, responsável por matar o dragão para poder firmar sua identidade como ‘a verdadeira Alice’.

Durante a trama, a personagem precisa percorrer o filme todo, para matar o Jaguadarte e por fim firmar sua identidade como rainha e como dona do ‘sonho’. Notamos que em todos os momentos Alice ressalta seu papel feminino, colocando de lado o arquétipo de frágil e inferior, muitas vezes retratados em filmes. Ela mostra justamente ao contrário, que por mais delicada e meiga que seja, pode se tornar corajosa e forte a ponto de derrotar seu maior inimigo para buscar enfim sua identidade.

Uma menina/mulher segurando uma espada, vestindo uma armadura e lutando contra um grande monstro, que parecia um dragão, era algo pouco provável para um filme com uma protagonista feminina. Aqui quebram-se os arquétipos e os estereótipos criados pelo cinema hollywoodiano .



Figura 4: frame retirado do filme Alice no País das Maravilhas (2010)

O ápice do filme ocorre no último diálogo, no qual surge o personagem Absolem, a lagarta azul, que faz Alice se reconhecer como mulher, assumindo sua própria identidade. “A cena simboliza a passagem da fase infantil para o desabrochar da fase adulta, na qual a lagarta, ainda no casulo, transforma-se em borboleta. A jovem deixa de ser Alice no País das Maravilhas e passa a associar seu nome ao de sua família” (Freitas, 2010, online). Para finalizar, ela retorna ao mundo real com uma personalidade adulta e madura, dotada de poder de querer ou não as coisas, e escolher aquilo que lhe agrada, sem imposições sociais.

Conclusões

Em nossa sociedade, praticamente tudo é envolvido pela comunicação, seja na rua, no trabalho ou até mesmo em casa. No simples fato de ligarmos uma televisão ou um computador já estamos sendo conduzidos até as mais diversas informações. Portanto, conhecer o processo pelo qual as mensagens nos são transmitidas e qual o efeito que isso nos causa, é fundamental.

O cinema é uma forma de compor e reforçar construções sociais. Apesar do avanço na emancipação feminina, as mulheres ainda têm suas identidades construídas em produções cinematográficas com base em estereótipos. Algumas se escondem em personagens românticas e inocentes, o que passa longe de ser papel vivido realmente pelas mulheres. Os arquétipos das sedutoras e mães de família continuam presentes, atendendo as exigências impostas pela sociedade. Porém, uma pequena mudança já aconteceu nesse sentido, onde o cinema começou a retratar a mulher como um ser independente, trabalhadora e dotada de gostos e desejos próprios.

Percebemos que Alice firma sua identidade de adulta e heroína quando decide matar o dragão. Tim Burton tem a intenção de ressaltar que a personagem nessa fase, ela já tem a capacidade de romper suas barreiras e as regras de conduta que lhes eram impostas na infância. A personagem se resignifica, se apresentando como mulher decidida, dona de suas escolhas. Ela rejeita aquele destino já formatado, de casar e ter filhos, libertando-se desse papel social.

Após a batalha, Alice consegue assumir assim, o controle da sua própria vida, enfrentando as dificuldades e dando atenção para os seus desejos sem se importar com a sociedade. Por fim, a menina, que agora se torna mulher, assume o lugar na empresa que era de seu pai, mostrando a sua capacidade de independência e auto realização.

Referências bibliográficas

FORTUNA, Daniele Ribeiro; GOMES, Vanda Viana. **Alice no País das Maravilhas e a identidade na contemporaneidade**. Unigranrio: Revista Contemporânea, Ed.22, Vol.1, N2, 2013.

FREITAS, Maria de Fátima. **Alice no País das Maravilhas**. Artigo do jornal da SPPA – Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, 2010. Disponível em: ><http://site.sppa.org.br/paginas/101/PsicanaliseeCulturalLiteratura>< Acesso em 29/06/2014.

GUBERNIKOFF, Gisele. **A imagem: representação da mulher no cinema**. Conexão – Comunicação e Cultura, UCS, Caxias do Sul, v. 8, n. 15, jan./jun. 2009. Disponível em <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/viewFile/>< acesso em 15/06/2014.

LIMA, Aline Soares; MENDONÇA, Maria Luísa Martins. **O papel da mulher no cinema brasileiro**. Disponível em: <http://www.ufg.br/conpeex/2006/porta_arquivos/pivic/1752803-AlineSoaresLima.pdf>. Acesso em 17/06/2014.

MENEGHEL, Andrea. SILVA, André Luiz B. AYER, Gabriela. **Alice num País sem Maravilhas**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Universidade XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Caxias do Sul, RS, 2010.

PINA, Neila Renata Silva. **A representação social da mulher no cinema brasileiro**. II Coninter – Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades. Universidade Estadual de Montes Claros, Unimontes, 2013.

SANTAELLA, Lucia. **Semiótica Aplicada**. São Paulo: Pioneira Tompson Learning, 2008.

SANTOS, Marcelo Moreira. **Cinema e semiótica: a construção sógnica do discurso cinematográfico**. Rio Grande do Sul: Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos, 2011.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. Educação e Realidade, v.16, n.2, jul./dez, 1995.

Filme: Alice no País das Maravilhas. Produção de Tim Burton. EUA: Walt Disney Pictures, 2010.